

Da necessidade de uma Orientação Filosófica (*)

PROF. LORETO FILHO

“Meus jovens amigos:

Afeito ao convívio generoso dos moços já me não surpreendem os seus gestos exuberantes, ruidosos, sempre cheios de bondade, muitas vezes tumultuários, e não raro absolutamente ilógicos. Ilógicos, como êsse de agora, de que resultou a minha escolha para vosso paraninfo e que constituiu uma violenta digressão do quadro docente do vosso colégio, em cujo seio luzem inteligências tão finas e de cultura tão aprimorada.

Qualquer um dentre os vossos ilustrados mestres, dar-vos-ia, com aprumo e superioridade, os conselhos e as ponderações que de mim desejais ouvir.

E seja a minha ponderação inicial êsse protesto sincero, que faço, contra o ilogismo da minha escolha para vosso padrinho em letras, com o imperdoável esquecimento dos vossos dedicados professores de tantos anos, dêsses nobres Irmãos Maristas, a quem me acostumei a

(*). Discurso de Paraninfo, pronunciado em 28 de Novembro de 1937, no Colégio Marista, por ocasião da colação do grau dos alunos que terminaram o curso secundário fundamental.

admirar e a querer bem, através das quotidianas referências dos meus filhos, alunos seus durante todo êsse longo lustro de vosso curso.

Tão abnegados e desprendidos — vós decerto os compreendeis — êles aí estão no meio de vós, êsses denodados semeadores de educação e saber, que nos legou a santidade do veneravel Champagnat, a contemplar com a mais forte emoção, mixto de satisfação e saudade, essa nova turma por êles carinhosamente preparada e prestes a deixa-los, definitivamente talvez, rumo a novas tendas de estudo.

Que conselhos, que sugestões, que lições, poderei eu outorgar-vos nesta minha rápida oração de paraninfo que possam ultrapassar em brilho, em eloquência, em poder sugestivo, o que se irradia dêsses exemplos de devotamento ao trabalho; de atitudes de desprendimento; de firmeza de fé; de nobreza de caráter; em suma, de toda essa austeridade de vida que constitúe o apanágio dêsses piedosos educadores Maristas que vos formaram a cultura e modelaram a alma?

Seja, portanto, êste, o meu grande conselho: — Tentai, sempre, com rigor, imitá-los na prática dessas excelsas virtudes.

Meditai sobre cada um dos alevantados exemplos e dos ponderados conselhos dos vossos incansaveis preceptores; meditai nos principios de fé e labor que êles vos incutiram no espirito juvenil e através de toda a existência que vos porporcione o Onipotente, não vos afasteis, não vos desvieis da rota já orientada por essa doce crença, por essa suave fé, por êsses salutareis hábitos aqui hauridos.

MAR ALTO DA VIDA

Amanhã, estareis mais próximos do mar alto da vida. De inicio, no curso complementar, em que os vossos conhecimentos de humanidades amadurecerão e melhor vos aparelharão para os cursos superiores, nos quais ireis receber, depois, a definitiva cultura profissional.

E será precisamente nêsses cursos mais altos que a voz sedutora das filosofias malsãs, do cepticismo, das doutrinas sociais exóticas, vos entoará, bem rente aos ouvidos dalma, como primeiro passo para vos catequizar, o hino da irreverência e tentará inocular nos vossos es-

píritos, ainda confiantes, mas ansiosos de saber, nos vossos pensamentos, ainda puros, mas curiosos da verdade; no vosso entendimento, ainda docilmente aberto ás lições dos vossos educadores, o *virus* da descrença, o veneno das filosofias inconoclastas, com toda a crueldade de suas deprimentes interpretações.

Estai, então, prevenidos. Estai, então, atentos.

Em uma fase em que a imaginação, não raro, se incandece com extrema destreza nas cintilancias de entusiasmos, que conduzem a atitudes extremas, por vezes definitivas, de onde jamais se poderá recuar; nessa fase, a vossa intoxicação mental acarretará, talvez, a vossa adesão a alguma dessas abstrusas doutrinas sociais que, emboscadas, vos tocaiam traiçoeiras, e poderá significar, ainda, a vossa irrevogavel perdição moral, a vossa irremediavel condenação.

E quantos horrores vos traria a inoculação dêsses tóxicos do espírito!

De vosso coração, juvenil e bondoso, baniríeis, sem o saber, todos os nobres sentimentos que tão suavemente o povoam e orientam, e induzem a vossa sonhadora imaginação a compôr, com êstes grandes elementos intuitivos que vos inebriam o viver — côres, harmonias, perfumes, carícias e tantas outras impressões sensoriais — os vossos mais formosos ideais nesta transitória passagem pela vida terrena.

Dêle baniríeis a fé, êsse fecundo manancial de verdades, de onde a alma humana emerge confiante para se defrontar com as dificuldades profundas dêste mundo de provações, já revestida do necessário estoicismo para suportar-lhe as agruras e já iluminada do indispensável saber para dominar-lhe as perfidias e surpresas; do vosso coração afugentariéis a esperança, estimulante luzeiro que, dardejando clarões no negror do porvir, deixa antever nas suas próximas ou remotas regiões a objectivação certa dos grandes ideais humanos de perfeita felicidade e sempiterna ventura; repeliríeis ainda a caridade, a suprema manifestação de amor ao nosso Criador e aos nossos irmãos humanos, o máximo princípio dessa sublime filosofia cristã que é a minha, que é a vossa, que é a nossa, e da qual jámais nos deveremos afastar; em suma, expungiríeis de vós, com todas essas grandes virtudes, toda a vossa têmpera moral, aqui, nesta angusta oficina do saber, com tantas

canceiras e labores forjada, nesse alongado quinquênio de vosso tirocinio escolar.

E toda uma multidão infinita de máos sentimentos vos habitaria, depois, o espírito desarvorado. A' frente, a inveja geraria o ódio; o ódio geraria a cólera, a má cólera, e esta, a cegueira moral profunda que jamais vos permitiria reencontrar o caminho daquêles sonhados ideais, apenas entrevistos, além, tão brilhantes, tão faiscantes, por entre as brumas do futuro, na alvorada de vossa existência.

Tudo vos seria, então, dúvida e sofrimento, angústia e dor, cáos e inferno.

Eis porque, amigos meus, eu vos aconselho a que vos resguardeis, desde logo, sob a invulnerável coiracha de uma resistente orientação filosófica.

DA NECESSIDADE DE UMA ORIENTAÇÃO FILOSÓFICA

Todos devemos ter um nobre critério filosófico que nos permita traduzir para o nosso humano entendimento a linguagem enigmática do Universo; que nos situe na amplidão da imensuravel e misteriosa Natureza; que dissipe dúvidas, apague insatisfações, refreie apetites, contenha reflexos, anule nervosismos e nos conceda, emfim, uma atividade rítmada, profícua, confiante, compensadora, capaz de permitir a fruição dos ótimos frutos de uma fecunda paz de espírito.

Mas, si todos carecemos de ter uma filosofia, pergunto eu, admitindo, apenas para argumentar, a equivalência de todas as doutrinas filosóficas: Porque decidirmo-nos pelas escolas que tudo materializam, na perversidade cáustica de interpretações que envergonham o homem de ter nascido, filhas de uma concepção mórbida, patológica, que tudo ignorando da verdadeira natureza da criatura humana, formulam exóticas teorias sociais que deturpam os fenômenos pisicológicos, destróem a graça do viver, subvertem a noção do dever, exacerbam os máos intintos, estimulam a imoralidade e nos fazem retroceder á pura animalidade? Porque decidirmo-nos por elas, por tais hipóteses; por tais explicações; esquecendo e desprezando a Escola encantadora em que fomos educados, essa mara-

vilhosa filosofia cristã, que redoirá, com a poesia fascinante de suas singelas explicações, as causas e as leis mais profundas do Cosmos, *o como* das cousas e o *porquê* de toda a criação?

Porque, digamos assim, porque procurarmos outras hipóteses, si as nossas são tão confortadoras e nos proporcionam, através de suas miríficas promessas, um tão mágico estímulo que encaminha toda a nossa atividade para o Bem, para o Belo e para a Verdade?

*

* *

“As religiões, todas as religiões são filosofias, já o dizia Faguet, (1). Sim. São filosofias, mas nenhuma dentre todas, prova-o á saciedade a Historia, jamais conseguira interpretar com tanta felicidade a verdadeira natureza do homem.

Jamais uma doutrina filosofica trouxera consigo, como a cristã, o germen da própria evolução. Jamais qualquer outra permitira á especie humana dar uma tão larga amplitude a todas as suas faculdades criadoras e inventivas. E a doutrina cristã não n'ó permitiu sómente; ela criou, ela estimulou, ela animou, ela aprovou, promoveu mesmo, as investigações científicas que geraram essa formidável técnica dos tempos modernos, outorgando ao homem o domínio completo, integral, dos fenômenos naturais, graças ao melhor conhecimento das misteriosas leis que os governam.

Quem ignorará que a famosa proibição do Alcorão de reproduzirem os mussulmanos figuras humanas com o pincel ou com o buril, impediu entre êles o desenvolvimento das artes, da pintura e da escultura? (2).

Quantas religiões grosseiras, eivadas de intolerancia, agrilhoando as consciências, não se alçaram em intransponíveis obstáculos ao desenvolvimento franco do progresso humano, ás livres perquisições científicas e á marcha evolutiva das idéas?

(1)—Emilio Faguet, *Iniciação Filosófica*, cap. 1º.

(2)—Ch. Seignobos, *Historia da Civilização*, trad. de D. A. Cohen, pag. 150.

ELEVAÇÃO DA FILOSOFIA CRISTÃ

Mas, na filosofia cristã não ha um só dogma, um preceito, um cânone, sequer, que tenha entravado ou, pelo menos, retardado, a constante evolução da cultura humana. Ao contrário.

Para o cristão a linguagem da fé não é incompatível com a linguagem científica, porque as leis naturais, as verdadeiras leis naturais — elle o sabe bem — outra coisa não são senão manifestações da divina onipotência.

Estai certos: jamais uma doutrina filosófica fôra buscar, como o Cristianismo, suas raízes mestras, seus alicerces principais, em uma verdade tão profunda como esta — a da homogeneidade da natureza humana. Todos os homens são irmãos porque todos são filhos do mesmo Pai, do mesmo Criador. Um Criador generoso, bom, indulgente, magnanimo, sempre pronto a perdoar, a acolher e a transigir com quantos conformem e adaptem o respectivo proceder aos seus supremos mandamentos; mandamentos que são os máximos preceitos do humano viver em sociedade e cujas elevadas prescrições a lógica científica moderna endosa e apoia, de uma maneira insofismavel, porque elles são a rigorosa tradução de inelutaveis leis naturais.

Dizei-me qual o principio de verdadeira ciência — física ou biológica, jurídica, lógica, moral ou qualquer outra — que condêne a prática da caridade, que aproxime e solidariza os homens, para galardoar a falsidade, o perjúrio, a blasfêmia, que os separam e dissociam?

Que demonstre a inutilidade do hebdomadário descanço; increpe o respeito aos nossos maiores, sugira a revolta dos filhos contra os pais?

Que aprove a intemperança ou descomedimento de atos e pensamentos, e aplauda a promiscuidade sexual, o adultério e o incêsto, os quais, destruindo a família, prejudicam a procriação e a educação dos filhos, e constituem evidentes crimes de lesa-humanidade?

Dizei-me! Dizei-me qual o principio científico autentico que autorize o assassinio, consinta no furto, permita a usura? Ou, então, recomende ou tolere a ira, o ódio, a inveja, a difamação, a calúnia ou a injúria? Que divirja, em suma, dos supremos cânones da filosofia cristã?

85

Não! Não n'ó poderíeis fazer. Porque a filosofia cristã tomou por ponto de partida de toda a sua estruturação, de toda a sua construção, as mais profundas realidades humanas — as próprias leis que presidem os fatos psicológicos e que hão de ser as mesmas para todos os entes humanos.

E foi mais longe: reconheceu como eloquentes manifestações da divina onipotência todas as verdades necessárias e universais.

Mas são justamente tais verdades necessárias e universais as únicas leis que a ciência concebe, porque cada uma delas exprime exatadamente uma relação constante e geral entre fenômenos naturais.

E, sendo assim, jamais será possível opôr á filosofia cristã os preceitos da verdadeira ciência.

E' matéria vencida essa.

O CRISTIANISMO E O SOCIALISMO REVOLUCIONÁRIO

Em vinte séculos de benéfica propagação outorgou-nos o Cristianismo essa ambiência moral, tão pura, tão cristalina, tão diáfana, em que vieram respirando os espíritos um constante incentivo á prática das virtudes, não só religiosas, mas também morais, sociais e políticas.

A Sociedade Internacional é obra sua. Pairando acima das nacionalidades, esqueceu, sem as destruir, as lindes políticas, para englobar os povos num só ambito universal.

Nêle hauriu a humanidade ocidental todas as suas ansiosas tendências de uma sempre maior perfectibilidade, na ciência como na técnica, nas artes como nas letras, na atividade particular como na pública, nos negócios como nos atos de filantropia, tudo sem constrangimentos, sem violências, antes pelo desapego das cousas terrenas, pela prática do humanitarismo, pelo ideal do amor ao próximo.

Em sua infinita suavidade a filosofia cristã, porém, não se impõe pela força material, mas pela eloquência de suas soluções, sempre afinadas com os sentimentos e aspirações humanas, sempre preventivas dos males e dos vícios.

Ela não poderia, assim materialmente impedir a exacerbação dos máus instintos que, em todas as épocas,

têm levado uma pequena parte da humanidade a esquecer as grandes virtudes cristãs e a se deixar embriagar pela avidez de bens materiais, pelo exagero de práticas epicuristas, ou pela ambição de deter o poder, de mandar, de dominar.

Disso têm advindo profundas desarticulações sociais que se vêm traduzindo pela existência de classes abundantemente providas, ricas e poderosas, ao lado de outras que a necessidade de tudo escraviza e obriga a vegetar na mais lamentável pobreza.

Não falha, porém, a justiça divina, a que tão bem interpreta a fria lógica dos fatos.

As funestas consequências do desprezo das grandes virtudes erguem-se em grandes males e atingem o indivíduo ou no seu corpo, que se consome em dores e moléstias, ou na sua tranquilidade espiritual, que se eclipsa ante as ameaças e nas inquietações da luta social pregada por mórbidas filosofias.

E por filosofia mórbida entendo toda aquela que pregue a violência ou a revolução, o recurso ao mal, como meios de promover o equilíbrio social ausente.

Mórbidas fôram as idéas filosóficas que se incandeceram na Revolução Francêsa e mórbidas são as teorias contemporaneas, que suscitaram o furor socialista e comunista dos últimos tempos.

O desprezo da caridade multiplicára o sofrimento dos humildes. Os *Marx*, os *Bakounine*, os *Bebel*, os *Liebnecht* acenam, então, ás angustiadas massas humanas com uma nova caridade, mas que só póde ser obtida com uma profunda revolução mais que política: social, religiosa. Falsa caridade essa que perdera o ponto de vista humano (3) e anuncia beneficiar uma classe social, com o extermínio absoluto das demais.

Vãs as suas grandes pretensões, quiméricas as suas sedutoras promessas.

A's fantasias literárias de um *Bebel*, com suas utópicas aldeias, cheias de museus, teatros, salas de concerto, bibliotecas e outras perfeições, e onde habitariam homens de um só tipo, *homines œconomici, standardizados*, com a mesma instrução, com a mesma educação, com a mesma inteligência, com as mesmas aspirações, oponhamos as narrativas realistas, todas cheias de desilu-

(3)—Otavio Faria, *Destino do Socialismo*, pag. 11 e segs.

86

sões e desencantamento dos *ANDRE' GIDE* (4), dos *Gondim da Fonseca* (5) e de tantos outros (6), a quem a observação direta e a madura reflexão esclareceram e ilustraram.

Não póde ser científica, como arrogantemente pretendia Marx e, ainda, querem os seus discípulos, uma teoria que tem a utópica aspiração de promover uma redistribuição de todas as convencionais riquezas do mundo á custa de uma liquidação social universal.

Não póde consultar as profundas tendências da alma humana uma doutrina que, após pregar a revolução universal, afirma que o socialista revolucionário não terá interesses, nem propriedade, nem moral — (será moral tudo o que favoreça a vitória da revolução!) — nem sentimentos, nem afeições, mas um só ideal — destruir, liquidar, eliminando todo aquêle que se constituir num obstáculo qualquer á sua fúria demolidora... Evidentemente, não.

Desprezai, portanto, jovens amigos meus, desprezai essas mórbidas filosofias.

VIRTUDE DOS HABITOS DE TRABALHO E ESTUDO

Ávida do bem, a alma humana foi interpretada fielmente nos seus mais íntimos anseios, aspirações e ideais pela suavidade da filosofia cristã, filosofia do bem pelo bem, saudavel filosofia, toda saturada de virtudes e de conforto moral; que orienta, adverte, promete, anima, contemporiza e recompensa.

Dela fazei sempre a vossa grande inspiradora, o vosso supremo critério de vida.

Ela vos proporcionará uma formidavel blindagem moral, que vos orientará a consciência, enrijará o caracter e realçará, em seus definitivos lineamentos, a dominante personalidade, com que enfrentareis as lutas do mundo e demandareis a consecução dos vossos maiores ideais.

(4)—De volta da U. R. S. S., tradução de Alvaro Moreyra, Rio, 1937.

(5)—*Bolchevismo*, pags. 6 e 7.

(6)—Otavio Faria, *Destino do Socialismo*, pags XVIII.

Desde já ela vos auxiliará e norteará nessa quadra complementar da vossa educação.

E' a educação uma constante assimilação de bons hábitos. E como toda a nossa existência perpassa sobre esta trama de hábitos consecutivos que é a nossa segunda natureza, uma natureza adquirida — si assim posso dizer — seja vossa maior preocupação selecionar com carinho os hábitos que deveis conservar, preferindo decididamente os bons e desprezando os máos.

Para essa tão relevante tarefa tereis sempre o critério supremo de vossa generosa filosofia cristã, sobretudo, quando, concluído vosso tirocínio de estudos, já não mais vos acompanharem benéficos conselhos ou salutarres ponderações de zelosos preceptores.

Dos hábitos de estudo e de trabalho que tiverdes adquirido vai depender o vosso maior ou menor sucesso na viagem da vida, qualquer que seja a carreira que venhais a escolher — profissões liberais, militares, artísticas ou comerciais.

Aquêle que durante o seu aprendizado, nos vários cursos de seu tirocinio escolar, tiver adquirido os fecundos hábitos do trabalho diário e do estudo perseverante e atento será fatalmente um vencedor. E' a lição dos fatos, é a lição dos mestres, (7) é a lição da experiência.

Permiti-me, pois, êste outro conselho: Fazei do estudo e do trabalho vossas ocupações habituais. Trabalhai e estudai com perseverança, quotidianamente, algumas horas, alguns momentos, e, seja qual fôr a vossa atividade, esperai tranquilos, serenos, despreocupados da complexidade dos assuntos e dos possíveis estôrvos e obstáculos com que, porventura, vos tenhais de defrontar, que ao vosso encontro, mesmo, ha de vir, pleno e integral, o almejado sucesso.

Automática se fará a vossa atividade investigadora, graças ao império do hábito; e, lenta e insensivelmente de pormenor em pormenor científico, percorrereis toda a escala dos conhecimentos da especialidade que tiverdes preferido.

A miraculosa virtude dos produtivos hábitos de es-

(7)—William James, *Compendio de Psicologia*, versão espanhola de Santos Rubiano, pags. 157 e segs.; Sampaio Dória, *Psicologia*, Segunda Parte, secção III.

tudo e trabalho vos fará ingressar, sem que disso vos deis conta, em o escol dos grandes sábios e técnicos de vossa geração, (8).

Mas, no fastígio das vitórias, ou nos dificultosos transes do viver, ou, ainda, nos mais adversos lances da fortuna, jámais vos olvideis das excelsas virtudes do vosso Catecismo Cristão.

Serão elas o incentivo, o estímulo, a garantia, a certeza das vossas mais esplendentes conquistas, dos vossos mais brilhantes êxitos.

CONCLUSÃO

Jovens amigos meus: vou concluir.

Disse-vos a linguagem franca do coração, onde o afeto para com os entes queridos — e um filho meu entre vós é penhor da minha sinceridade — se desdobra em anhelos de um perfeito triunfar e temores de um traíçoeiro fracassar. Os sinceros votos, que formulo por aquêlê triunfo, promanam da mesma alma pressurosa e amiga que se sobressalta e se enche de grandes receios e cuidados ante a rude possibilidade dêste fracasso e que, por conjurá-lo, tudo envidaria.

Mas o conseguir aquêlê e o afastar êste está antes em vós mesmos, dentro do próprio ambito do vosso livre alvedrio. Tudo está, tudo se resume, repito, em terdes, vós mesmos, sempre inspirados nos supremos cânones da vossa filosofia cristã, uma poderosa malha protetora de hábitos selecionados, um vigoroso complexo de attitude psíquicas apuradas, que vos abrigue das insídias da fraqueza e proteja das seduções do pecado; que vos retempere as grandes virtudes cristãs, renove o animo de agir e exalte a vontade de vencer.

Jamais se vos entibie esta vontade de vencer ou esse animo de agir. Jamais vos abandonem aquelas supremas virtudes.

Mas, si, porventura, vos sentirdes ameaçados de vos desertarem êles o espirito ansioso; si, em algum momento se apresentarem em vossa consciência as trevas do desespero, ou, pelo menos, uma sombra, que se já, de desfalecimento, então, amigos meus — não vos

(8)—William James, ob. cit. pag. 171; Sampaio Dória, ob. cit. pag. 105, da 4ª edição.

desalenteis — recorrei ao confortante e suave conche-
go da prece, entregai-vos á oração.

E nêsse colóquio sublime com a eterna Bemaven-
turaça haveis de reencontrar, multiplicadas, as
energias que, por instantes, vos pareciam fugir e des-
amparar.

Retomai, então, vosso interrompido caminho e
proseguí, confiantes, para a vitória e para o triunfo!

Vossa fé em Deus, vossos habitos de virtude e tra-
balho, sobre vos proporcionarem as supremas venturas
que houverdes sonhado, vos farão, ainda, e sobretudo,
novos e poderosos sustentáculos da perene grandeza
dessa estremecida pátria nossa, dêsse Brasil bem-ama-
do, a esperar de vós mais glórias e mais esplendores pa-
ra os seus já tão gloriosos e tão esplendorosos fastos.

Eia, pois, amigos meus! Filhos meus, avante! Prosse-
guí!

E que sempre e sempre vos acompanhem as ben-
ções fecundas de Deus (9).

(9)—**Bibliografia:** Além das obras citadas devo acrescentar: Vi-
veiros de Castro, **A Questão Social**; R. Garofalo, **La Su-
perstition Socialiste**, versão francesa de Augusto Die-
trich; Rui Barbosa, **Oração aos Moços**, 1920; Cardoso de
Mello Neto, **Oração de Paraninfo**, São Paulo, 1928; Pa-
dre Antonio Vieira, **Sermões**, Porto 1907; Loreto Filho,
Discurso de Paraninfo, **Revista Acadêmica da Faculda-
de de Direito do Recife**, 1934, pag. 469; Chamié, **Princi-
pes Nouveaux de Psychologie**, Paris, 1937.